



**CORTE.**

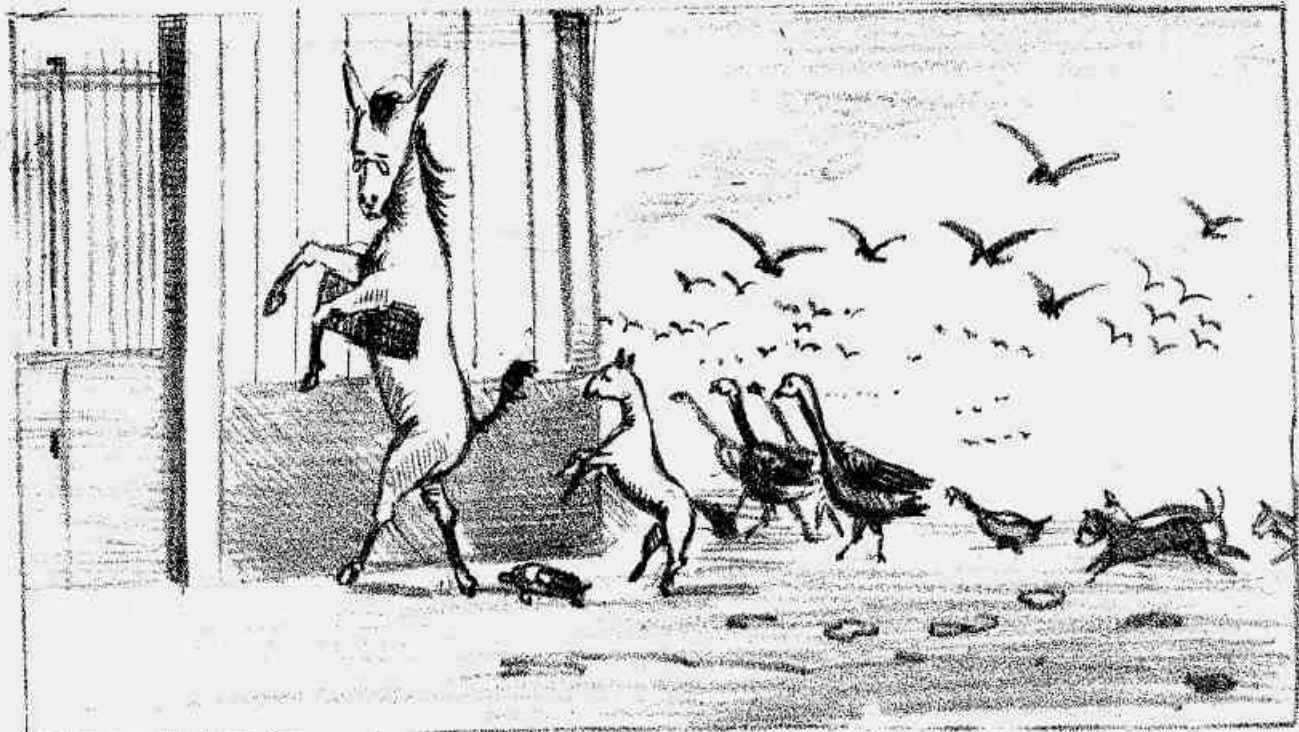
Um anno. . . . .	14.000
Seis mezes . . . . .	7.000
Tres mezes . . . . .	3.500

**N.31.**

**ANNO I.**

**PROVINCIAS.**

Um anno. . . . .	14.000
Seis mezes . . . . .	7.000
Avulso . . . . .	300 rs.



Diversos animaes e aves dirigem-se ao palacio da Exposição a complimentar seus irmãos cavallos e veados.

# A PACOTILHA

## NOVIDADES DA SEMANA.



IOGENES procurava um homem, Lambeth uma espada e um folhetinista uma idéa. Pesadelo horrível o de buscar uma idéa sem ter se uma idéa, abyssmo duro que engole de uma, de duas, de mil vezes o chronista, e o jornal, o jornal e o redactor quando um ou outro não tem uma idéa. A'qui, d'alli grita o leitor: uma noticia, uma noticia.

Mas quando a physiologia da noticia está desenvolvida por um livro ou diversos periodicos ainda devemos dar noticias? Fazia o mundo, o livro ou o periodico que a noticia falsa era simplesmente bota; que a noticia velha era bota atrombada; transcripta e com cabecalho novo era bota com diqueira, de sençaga-la era bota cambada, a dos preços corantes era bota com tombos, a que elegiava os telas era bota rasgada a canivete para deixar os calos á fresse, a grave e conspicua, que fallava das successos em tom sentencioso e engommado era bota de cano alto e signal de joanete; enfim ainda seguia-se a noticia que defendia e apoiava candidaturas, a de solemnidade religiosa com elo, ao celebrante e ao pregador, a que pedia estradas, a que pedia melhoramentos e finalmente aquella que dizia que o homem era um homem e o gato um bicho.

Mas a final onde vamos nós?

A guerra que nós vemos no Sul é de carrapatos. Alli vive-se de intrigas, passividade, dizes tu digo eu e gaste-se dinheiro e gaste-se porque a ordem é rica e os frades são poucos.

Na pessoa do bravo, valente, indylo e illustrado Comandante Superior, a guarda nacional foi distinguida com o dignitario da boza. Logo, logo quanto comandante bravo e officinas que não marcharam para o Sul guerra, lições, condoverações, etc, etc. E o que lograram os soldados, os pobres soldados que partiram para o Sul, que aquartelaram e que ainda hoje, elles que são arrimo e apoio de familias, rondam e prestam serviços? A estes nem -- um elogio. E' de extirpar o esquecimento do governo!!!

Segue-se á guerra e ás graças o que mais? As ruas sujas? o lixo, os pantanos, o lodo? E não ha outra noticia! Fallemos de uma nova, já nova e ainda nova para muita gente: fallemos de que? Do *Jardim de Flora* onde ha musica e flores? Não. Do *Barbe Bleue*, onde a Aimee

e a Lovato valem um sorriso? Não. Do *Gymnasio* que representa o *Actor*? Sim.

Na quarta-feira desta semana subiu á scena o *Actor*. As primeiras impressões da representação fallam-nos muito alto para que desçamos á uma critica exacta e imparcial, por isso fallaremos apenas da noite esplendente que Furta-lo-Coelho logrou.

Dos camarotes e da plateia immensa foi a ovação. Os applausos, os bravos, o sentimento de applaudir, era espontaneo, rebentava fluido e limpido dissereis crystallino arroio a deslisar-se em matizado prado ou a encespar-se pouco e pouco saltitando por entre os seixos e formando ondas de perolas.

Furtado Coelho deve guardar em memoria a noite de quarta-feira como signal bem claro da sensibilidade, do entendimento e do bom gosto da plateia fluminense. E que a memoria de uma noite de triumpho, de brava de ovação, seja esperança de novos triumphos, anhelo de novos lauros, e ambição, e ambição nobre e generosa de ovações esplendentes como as esplendentes as emanações cindas de luz que rebentam do homem quando com o talento elha o réo, pisa os preconceitos, soletra o sublime e expande-se em harmonias de grandesa e magnificencia.

Auras brandas, mares placidas e céu propicio favoreceram ao muito illustrado e probo conselheiro Sergio Teixeira de Macedo, o nosso embaixador extraordinario e ministro plenipotenciario, junto á S. M. o Imperador dos francezes.

Caracteres nobres, como o do Exm. Sr. Conselheiro, tornam-se distinctos em todos os tempos.

## A Exposição Nacional.

VISTA POR UM ROQUEIRO.

Fui á exposição, fui e olhei e vi. Deixei a fazenda, meus negocios, o gado, o café e fui á exposição. He nada me admirei. A exposição de 84 era melhor e o que agora vi é velho como meu avô.

Na sala do throno tira-se o chapéu e põe-se á exp. Ha o vê-se vidros coloridos á fogo e imagens tao ruzas, tão mal feitas que parecem somenos ás imagens que os pretos fazem na bahia. Desejára que minha cara-metade estivesse na exposição para mostrar-lhe os trabalhos dos alienados, que sendo de gente sem juizo são melhores do que quanto desenho de cem lições e tentativas de pintura de 200 lições. Por meu cavallo baio que os alienados são bons expositores!

Os feijões e café da baroneza de Sant'Anna não chegam aos feijões e café que o compadre Thomaz expoz da

outra vez e que por sua infelicidade nem foram examinadas, nem mencionados. Assim se fez com os alfaiates, carpinteiros e muita gente boa, que descreu e que desta vez não esteve para gastos inúteis.

Neste anno excede-se muita bota, sapato, botina, e selins. Aquillo é epigramma e quer dizer que nós só cuidamos em nossos pés e em nossos cavallos. E os charutos o fumo? Vi cada charuto regalia, regalia londres, concha que disse cá com os meus botões « Aquillo é para a rua do Ouvidor, amanhã passam por *havanna* como hoje por *Bahia* e hão de valer 300 réis se forem vendidos por uma franzeza que tenha freio no pescoço, *ferradura* no peito e *verniz* ou pó na cara. »

A sala das photographias fez-me vir lagrimas aos olhos. Olhei aquelles papelõesinhos e disse-me a voz do coração: Morreu a pintura. E morreu mesmo porque a pintura não se apresentou na exposição, porque a Meema e outros que tões são cousas já olhadas e vistas. E a escultura? Ah! hoje trata-se apenas de fazer *bustet*, onde vende-se *paraty* a 2.0 o calix, pastéis a... a... nem eu mesmo sei.

Sali zangado da exposição. Escrevi muitas sobrinhas que não alimentam a esperança de por o olho lá, porque vir se da roça para apanhar sol e poeira e perder-se nesta corte, onde o urbano dorme, o larapio faz sentinella ás algibeiras e a exposição não tem catalogos, é o mesmo que pegar em um pepino e apregoar-se que o pepino é uma raiz immensa, extraordinaria, nunca apalpada, tocada vista e sentida. Por isso adeus exposição; vou-me para os meus milhos, no menos lá tudo é grande e bom.

Um roceiro.

#### VISTA POR UM AMADOR.

Os povos civilizados luctam com a intelligencia. Seus certames são outros tantos triumphos para a humanidade que elege apóstolos. E os apóstolos partem em todos os sentidos. E vão pregar o reinado da paz — idea para que se congregam os povos.

Abaixo o patibulo, a escravidão, o castigo corporal! A locomotiva da luz vai adiante. Paz aos homens e fraternidade e luz!

Abaixo a guerra, porque tempo vem em que a guerra será um impossivel! Reunam-se os homens e uma só lingua, e uma só monarchia e uma só religião. Reunam-se os homens e o telegrapho, o vapor, o commercio, a industria, as letras e as artes, auxiliares poderosos commerciarão entre si alianças duradouras.

As exposições tendem a ligação das provincias de cada povo, a ligação dos povos de toda uma sociedade.

A exposição nacional de 1867, se tivesse sido avaliada como valia, necessariamente teria preparado muita gloria para a que hoje assistimos. Mas a ignorancia de uns, o desmazelo de outros e o pouco cuidado da maior parte obraram de tal modo que a exposição actual é somente a sua anterior.

Não nos esta verdade, mas deve-se dizer para futuros exemplos.

Todavia a exposição actual tem objectos primorosos e de tomo alcançado. As nossas palavras são apenas um lineamento rapido. Sob o numero 330 ha uma collecção de conchas para lores artificiaes, vindo de Sta. Catharina e exposta por oculos que deve virar a attenção e o aprego de quantos avaliam as boas cousas. A collecção de rochas plutonicas e eruptivas, colleccionada pelo Dr. G. Capenema, os trabalhos do carpinteiro, marceneiro e torneiro, em que distinguem-se quatro artistas fluminenses, são objectos que merecem especial menção. O ramo de malhita, do Sr. José Francisco de Sant'Anna e os torneados do Sr. Manoel Elias de Silva continuaram-nos a agastar.

Sobre encadernação, fabrica de pianos, trabalhos de crochê estamos ediantados. A encadernação nossa é magnifica e nitida e os pianos de paroba são de muito gosto artistico e simplicidade.

O *dessin á plume* do Sr. Leopoldo Heck representando D. Pedro II, a pulga tirada do natural com o microscopio solar, trabalho do photographe Ferragno e o *Miguel Angelo* do Sr. Almeida Reis, que hoje estuda na Italia por conta do governo, são artefactos do delicado labor, muito e mero e arte.

A nossa natureza sobretudo brilha na exposição pelos mineraes, vegetaes, etc. Enfim se a exposição é uma festa nacional, grande ou pequena que ella seja, deve arrancar de nosso peito um brado de animação. A eis brasileiros, o futuro é vosso!

Um AMADOR.

(Continua).

## ROMANCETE.

### Os pestiços.

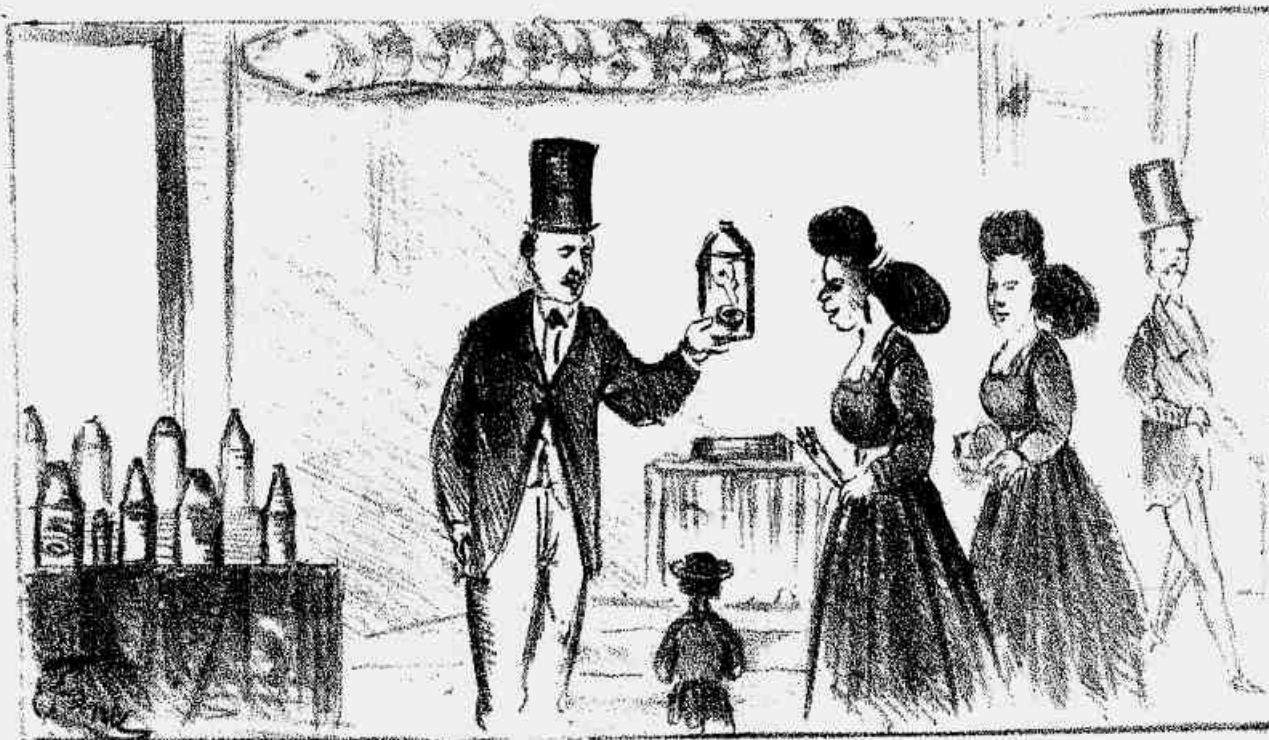
(Continuação).

O commendador Moraes que acaba de entrar, e que ainda vira alguma cousa do procedimento inconveniente de D. Angelica, era um homem nobre e respeitável.

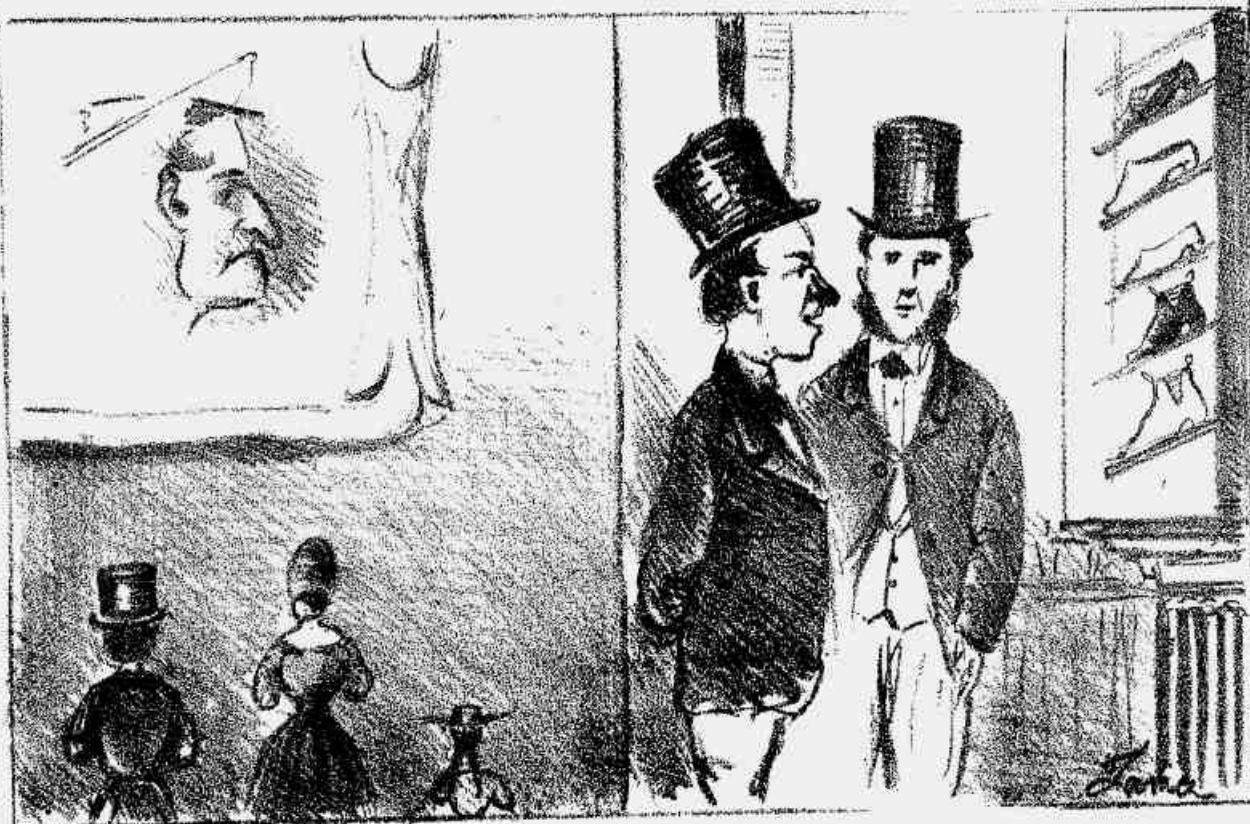
Cincoenta annos era sem duvida a sua idade a julgar-mos pelos cabellos brancos que alvejavam-lhe a fronte;



## EPISODIOS NOTAVEIS



- Olha mana, olha este aborto é meio gafanhoto, meio cobra.
- Moça : Cala-te tolo, isto é um hermaphrodita.
- Tola és tu, sabes porventura o sexo da cobra ?



- HOMEM : Vês tu mulher, aquillo veio para a exposição, melhor tenho visto em casa de quitandeiras.
- MULHER : Isto não prova nada, pois a Cruz e os chifres de carneiro também estão nas quitandeiras e lá ha bem boas cousas.

- Que lindas botinas e eu que as compro do armario de baixo a 2800 o par.
- Melhor para ti, porque eu as herdo das carroças do lixo.

# DA EXPOSIÇÃO NACIONAL



- GUARDA DO SEPTIMO : Isto é *imperibido*.
- VISITANTE : Não senhor isto é couro.
- GUARDA : Pois é por isso mesmo, é a ordem que tenho.

MORALIDADE.

IMPERIBIDO na linguagem do guarda quer dizer — proibido ! ! ..

era baixo e gordo, tinha uma cabeça imensa, talvez com dous tantos da cabeça de Mirafiori.

É um desses caracteres que não foi criado para viver na nossa sociedade presente, e as suas palavras envenenam corações, e os suspiros que emana não são uma das creanças de nossa alma.

Tudo isto como homem familiar; porém como politico era um *mediador plastico*, se estava em algum grupo conversando com *vermelhos* e logo a elogiá-los e a consolar-lhes o que tinha ouvido dos liberais; se no grupo dos *amarells* ou a contar o que ouvira dos conservadores, elle não manifestava uma idea politica, ouvia os dous lados, pensava nos lucros que podia tirar de um ou de outro lado, e seguia aquelle que mais lhe convinha; não tinha partido finalme- te, era politica da conveniencia, e da harriga.

E com este ha muitos, ou quasi todos podem medir-se por o commendador Moraes.

Se elle é um bello caracter e um homem honrado, é um politico *postigo*, sem crengas e sem amor da patria.

Porém isto não vem nada ao caso, vamos ao facto.

De todos os martyrios e decepções porque passou o nosso contrariado João Paulino, nenhum lhe foi mais pungente do que a chegada do commendador, naquella occasião, João Paulino faz-me de mil côres, toma-lhe o chapão, e affectando um sorriso o tomou um ar assim de actor que leva uma pateada, diz:

— Já era sentida a sua falta, commendador, pensei que não viesse, e peço-lhe perdão de um grande crime commettido por mim, menti!

— Como?...

— Menti, porém ao meu coração disse que talvez V. S. se tivesse esquecido dos amigos velhos, e que a minha festa não fosse digna de sua presença.

— Cala-te, elo quecoste sem duvida! ninguém como tu, sabe os meus sentimentos, e as razões que militam em minha alma para estimar-te e ter-te no ranhenho de meus amigos.

— Obrigado commendador, estas palavras me orgulham, disse tomando entre as suas as mãos do commendador que as aperta affectuosamente.

— Porém não vi ainda vossa filha, quero complimental-a.

— Não tardará, ella acompanha uma senhora que acaba de ter um nervoso.

— Ah! agora vejo a razão da pouca alegria que vejo, e da friesa que vai no coração de vossos convidados; não se toca, não se dança, não se canta, e como sabes sou entusiasta por a musica.

Durante o tempo que João Paulino e o commendador levaram a conversar, o Dr. Paulo não sahio da janella.

Estava horivelmente *encalistrado* e as palavras ultimas de João Paulino transtornaram-lhe completamente,

pondo em debandada todos os seus sonhos dourados e a esperanza que tinha de possuir como esposo a Euphemia.

Por um instante pensou, por um instante teve vergonha, por um instante arrependeo-se da vida licenciosa que tinha levado.

Sahe da janella, e quando penso que vai retirar-se para não mais voltar aquella casa, vai sentar-se junto do commendador que conversava com a filha de João Paulino.

O cynis no e a infamia, o crime e a perversidade, depois de sua longa viagem por as regiões da degradação e do vicio, pensaram naquella coração para não mais sair.

Neste entretanto D. Angelica fica boa do seu nervoso e vem sentar-se em um divan que estava proximo do piano onde encosta a cabeça, dizendo estar-lhe virando a roda.

Apezar porém disto não se retira tambem.

A contemplar D. Angelica lembrando do que se tinha passado ficaram todos mudos por um instante, porém não tardou que o Dr. Paulo quebrasse este silencio, gritando:

— Então hoje não se dá ça aqui, vamos, tirem por ali meus senhores, que eu vou tocar e quando mette as mãos no piano para dar o signal para a quadrilha, ouvesse nas escadas fortes piadas acompanhadas de gritos:

— Oh! João Paulino, manda botar luz nesta escada, que senão eu caio; apre, que baile esta tão sem ordem! Era Anastacio que chegava finalmente.

AIX.

(Continua).

#### Zanagões.

Se o Tolentino vivesse,  
Ou se o Faustino quizesse  
Voltar á antiga mania,  
Podéra nesta cidade  
Provocar a hilaridade,  
Cantando em verso rimado  
A moderna epidemia  
Chamada — litteratura;  
E não pouca creatura  
Que o juizo tem virado,  
Ao bom caminho deixado  
Volvêra talvez um dia...

Então o proprio commercio  
Chorára de agradecido,  
Ao vêr um filho querido  
Volver ao paterno lar,  
Bem do peito arrependido  
De ter um dia fugido  
A' vocação verdadeira  
Para commetter a asneira  
De seguir uma carreira

Que exige taes precedentes,  
Que só á certos viventes  
Costuma o céo dispensar!

Então a pobre lavoura  
Contemplára satisfeita  
Signaes de maior colheita,  
Porque, talvez, muitos braços,  
Que têm vivido madraços;  
Cortando mil embarços  
Pela raiz primitiva  
Iriam tornal-a activa,  
Tornal-a mesmo feliz,  
Então o serviço publico,  
Que também tem *litteratos*  
Como o trapiche tem — ratos.  
Como o commercio — poetas,  
Como a poesia — paletas:  
Não soffrer tantas *pausas*,  
E alegre por muitas causas  
Do chão erguera o nariz.

Então o homem nascido  
Com verdadeiro talento  
*Chorára de agradecido*,  
Quando visse que o jumento  
Abandonava o dominio  
Das sublimes vocações...  
Haja, portanto extermínio  
Por meio de *ferro e fogo*,  
Por meio de um bom Faustino  
Ou de um Gregorio de Mattos,  
Dessa familia sem tino  
Que em tudo demonstra logo  
Que é toda de *litteratos*,  
Mas *litteratos zangões*!

RABUGENTO.

### Cancão do escravo.

Como a lua por nuvens escondida  
A terra de seu brilho desherdou;  
Assim do pobre escravo a nivea estrella,  
A nuvem do infortunio lhe occultou.

Como o pranto do cego de nascença  
Que os prazeres da vida não sentio;  
Assim o pobre escravo, cego sempre,  
Do mundo do prazer se despedio.

Como o echo da frauta que se perde  
De noite, dos ares n'amplicidão;  
Assim meus gemidos abafados  
Se perdem nas paredes d'afflicção!

Como d'ave agoureira o triste canto  
Na cruz de marmorea sepultura;  
Assim chora sempre o pobre escravo,  
Sobre a estatua da dôr, da desventura.

Não ha dôr por mais forte qu'ella seja,  
Que a alma do escravo não esmague;  
Com minhas grossas mãos trabalho sempre  
E ás vezes soffrendo o azorrague.

Ainda a estrella d'alva não rutila  
Já deve estar o escravo levantado,  
D'ahi... e até bem alta a noite  
Ao trabalho incessante estar vergado.

O pulsar do coração do escravo é fraco  
Como o primeiro vagido da criança;  
No céo de sua vida ha nuvens sempre  
Uma estrella não brilha d'esperança.

Amanhã eu a outro já pertenco  
P'ra outro mau senhor en sui vendido;  
As lagrimas no escravo é crime atroz,  
Não é o pranto ao escravo concedido.

Assim vai o escravo, sempre triste  
Ao peso do soffrer curtiudo o pranto!  
Morrer, o trabalho supportando  
Até que succumba a soffrer tanto.

Vós deus, vós creando a natureza  
Ao escravo não creaste separado;  
E os homens são que meus, ignorantes,  
Vossa lei tem, crueis, ensanguentado.

A' vossa imagem, Senhor, e semelhança,  
O escravo como o livre foi formado!  
Tem alma p'ra sentir e p'ra pensar  
O escravo como o livre é baptisado.

O escravo como o livre morre sempre,  
Do mesmo barro o escravo foi formado  
Deus a ninguém — justo despreza.  
Na mesma terra o escravo é sepultado!

Hoje malvados! com o azorrague,  
Folgaes em meu corpo lacerar,  
Talvez que amanhã a fria morte  
Vá a alma de teu corpo te arrancar.

Então, vós crueis, vós despedindo  
Dos prazeres e gosos d'este mundo;  
Enterrados sereis na mesma terra  
Onde o escravo será bem lá no fundo.

Ahi! na mudez da campa gélida  
Onde os ricos e os pobres se nivelam,  
Será livre o escravo, pois aos mortos  
Os senhores da terra não governam.

Não! que alli está a cruz entre os cyprestes  
Funerea sombra projectando a lua;  
Acima d'ella Deus — o espaço, o Eden,  
Que o escravo remio a alma sua.

V. J. DO BONSUCCESSO JUNIOR.





As sciencias e as letras ; a agricultura e a industria corôam seu legitimo e unico protector. Bem haja o Imperador, unico palladio dos brasileiros neste tempo de miserias !